

das regiões onde os Jesuítas se instalaram, mas também com temas importantes da história europeia, como o da evolução da matemática ou o da tipografia.

Saliente-se ainda a vasta área geográfica coberta pelo conjunto das comunicações que, para lá dos espaços extra-asiáticos, abordou a acção dos religiosos da Companhia na Índia, na Sibéria, no Tibete, na China, na Coreia, nas Filipinas e no Japão, com particular atenção para as cidades lusíadas de Goa, Macau e Nagasaki, e na sua amplitude cronológica, que cobriu os séculos XVI, XVII e XVIII.

Para os assistentes que estejam menos identificados com a história da Companhia e em especial os investigadores que agora a começam a estudar, este colóquio valeu seguramente pelo conjunto, pois quase a totalidade das comunicações foram de grande qualidade; na maioria dos casos os autores apresentaram sínteses de trabalhos anteriores que têm precisamente a vantagem de conterem dum modo sucinto, mas seguro, o resultado de longas investigações. Neste campo merece particular destaque a comunicação de Dauril Alden (*A empresa jesuítica no Oriente: algumas considerações gerais*), em que este professor da Universidade de Washington sumariou os dados apresentados no seu volumoso livro *The making of an enterprise, the Society of Jesus in Portugal, its empire and beyond, 1540-1750* (Stanford, 1996).

No entanto, alguns autores trouxeram verdadeiras novidades de que os casos mais relevantes parecem-nos ser os de Ugo Baldini da Università degli Studi G. D'Annunzio (*O ensino da Matemática no colégio de Santo Antão*), João Miranda da Universidade Lusófona (*Alguns aspectos do intercâmbio científico e cultural entre a Academia das Ciências de Petersburgo e a comunidade dos «jesuítas matemáticos» em Pequim nas Décadas de 30-50 do século XVIII à luz da correspondência de António Nunes Ribeiro Sanches*), comunicação enriquecida pela utilização de documentação em língua russa, e de Jorge Manuel Santos Alves (*Os Jesuítas e a ilha verde. A primeira discussão da soberania portuguesa em Macau (1621)*), estudo que ajuda a clarificar as relações internas em Macau num período de grande tensão, em que o modelo político-comercial que levava à fundação da cidade estava em crise, com a pressão dos mandarins, das armadas holandesas e da nova dinastia xogunal que governava o Japão.

Aguardamos, pois, com expectativa as actas deste encontro, que proporcionará seguramente um volume que poderá tornar-se num excelente manual de apoio a todos os que se cruzam nas suas investigações com história da Companhia de Jesus.

João Paulo Oliveira e Costa

OBRAS NA CATEDRAL BRACARENSE

«A Catedral Bracarense, como é de presumir, não pode considerar-se uma construção vulgar; ela alicerça-se até, magnificente, numa extensa área, entremostrando ainda hoje preciosos e sugestivos restos de passados grandiosos, não obstante a inconsciência dos múltiplos e variados agentes a comprometer-lhe o brilho». Assim escreveu o saudoso Cón. Manuel Aguiar Barreiros.

Velhinha de tantos séculos, a Catedral Bracarense, basílica e mãe de tantas igrejas, tem sofrido desde o nascimento inúmeras intervenções no seu todo arquitectónico.

Deixando para trás tantas e tantas, forçoso será enumerar, pelo seu volume e alcance, as intervenções de Dom Rodrigo de Moura Teles e do sereníssimo D. Gaspar de Bragança; um e outro *forçaram* a Sé àquilo que não devia ser. Foram intervenções de fundo e, talvez possamos sem reboço afirmar, que algumas delas muito infelizes, embora ao sabor da época.

Certo é que estamos a ver e a ler, a observar e a reflectir desenquadrados da época em que as intervenções se concretizaram, mas, mesmo assim, com todas as benevolências e descontos, a avaliar pelo que vinha de antanho e pelo que nos legaram os reformadores, ficamos tristes por muita da herança destes recebida.

Mas porque não interessa a ninguém *chorar pelo leite derramado* e forçoso é contemplar o que temos, decidimo-nos a conservar e melhorar, dentro do melhor espírito e da técnica mais perfeita, o património existente. Este, em 1989, quando nos propusemos comemorar os 900 anos da Catedral, estava muito deteriorado e, em muitos sectores, quase na degradação. Por isso, tornava-se indispensável actuar depressa e em profundidade, para não acordarmos ao ruído da hecatombe.

Já que a Catedral é um monumento nacional, entendemos que o «*dono*» tem obrigação de cuidar dele... mas dóia-nos a alma ver o abandono a que a primeira Sé de Portugal estava votada, pela entidade responsável. Por isso, em Fevereiro de 1989, D. Eurico Dias Nogueira, Arcebispo Primaz, o Governador Civil de Braga Dr. Fernando Alberto Ribeiro da Silva, o Engenheiro Francisco Soares Mesquita Machado, Presidente da Câmara Municipal de Braga e eu, fomos recebidos pelo Primeiro Ministro de então, Doutor Aníbal Cavaco e Silva que, perante os factos expostos e considerações feitas, se comprometeu a entregar à Secretaria de Estado da Cultura, com a classificação de urgência, as diligências e trabalhos indispensáveis. A Secretaria de Estado encarregou os responsáveis do IPPC de tratar do assunto... e foram meses de calvário. E tínhamos pela frente comemorações solenes: um Congresso internacional e brilhantes actos litúrgicos. *Meses de calvário*, referi, porque não se dava um passo e ninguém aparecia nem falava.

É que, de facto, havia desinteresse (não o podem negar!) e talvez mesmo má vontade (não me provaram o contrário!) contra a Sé de Braga... E, perante a inoperância e insensibilidade dos responsáveis, após muitos avisos e declarações do Cabido, este sentiu-se na obrigação de actuar — para defesa do monumento que, antes de o ser é um templo, lugar de culto católico — também para defesa do bom nome e honra da Corporação Capitular que tem um milénio de existência e, além do mais, «muito saber de experiência feito». E, já que em 1911 o Cabido Metropolitano e Primacial de Braga não pode conservar e defender o seu património e arquivo — de incalculável valor — e no decorrer de tantos anos esteve apático frente a intervenções tão discutíveis dos Monumentos Nacionais, ora determinou-se a uma acção concreta. Assistia-lhe toda a razão... e reclamava-a o interesse nacional.

Pela Catedral passaram Secretários de Estado com promessas mil, responsáveis pelo IPPC com possíveis projectos, técnicos com ideias... mas fez-se muito pouco e devagar; até que, depois de muito porfiar, a força moral que assistia ao Cabido derrubou as barreiras que se opunham à caminhada que era mister encetar e todos se deram as mãos. O novo organismo, o IPPAR, cumpriu e, felizmente, o essencial está em curso... e vamos caminhando com firmeza e serenidade.

O que se fez já? O que está a ser feito? O que mais está projectado?

O Cabido agiu, com autorização da tutela, acompanhado pelo arquitecto Luís Cunha, e fez obras de fundo: renovou as instalações do Tesouro-Museu; erigiu a Capela Tumular dos Arcebispos onde repousam os últimos quatro Metropolitas e há muitos espaços disponíveis; reuniu tantas e tantas relíquias dispersas, riqueza da Catedral, em capela própria; recuperou, na sua estrutura, a capela de Nossa Senhora da Piedade e nela colocou no lugar que lhe é devido, o túmulo do fundador D. Diogo de Sousa; para evitar as chuvas e os ventos fechou com vidro rochedo o claustro interior e ordenou ao culto o espaço envolvente; por técnicos de Conímbriga mandou restaurar os túmulos do Conde D. Henrique e da Rainha D. Teresa; por técnicos e artistas da Câmara Municipal de Braga foi restaurada a talha dos altares de S. Geraldo, do Coração de Jesus, de S. Martinho de Dume, do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Rosa... e todo o piso dos claustros interiores e de Santo Amaro, foi levantado e restaurado, continuando a Autarquia a disponibilizar alguns artistas que operam na Catedral; uma jóia de 1519 — a imagem de Nossa Senhora do Leite — mandada fazer por D. Diogo de Sousa, foi retirada do exterior (cabeceira da capela-mor) e, após restauro por técnicos de Conímbriga, colocada na capela de Nossa Senhora da Piedade, sendo substituída por uma réplica feita em Conímbriga; a Aula Capitularis foi completamente restaurada e recebeu pinturas que não tinha; a escadaria de acesso ao Tesouro-Museu foi renovada; os cadeirais do coro alto, após mais de duzentos anos, foram limpos e libertados de camadas de pó muito entranhado; o tecto do coro alto recebeu pintura nova... a anterior perdera-se em 1950, pela queda de todo o tecto; as Câmaras Municipais do Distrito de Braga pagaram o restauro do órgão do lado da epístola; toda a talha do magnífico conjunto barroco que envolve os órgãos ibéricos foi limpa; restaurou-se a pintura e douramento dos altares acima referidos, construíram-se e colocaram-se na capela-mor seis novos cadeirais capitulares e a nova cadeira arquiépiscopal; foram restaurados os gradeamentos dos altares do transepto e o piso dos mesmos; foi renovado o gradeamento dos púlpitos, e as sacristias da cabeceira da catedral receberam melhoramentos, colocaram-se novas bancadas para os coros litúrgicos e foi melhorada a instalação eléctrica e de som; e, além de muitas outras acções de permanente beneficiação, com apoio dos «Amigos da Catedral» foi dotada a Sé com um carrilhão de 23 sinos construídos por Serafim Jerónimo, de Braga, após electrificação de todo o conjunto sineiro.

A largos traços e sem descer a tantos pormenores como restauro de mobiliário, paramentaria e outras alaias... registamos o que foi realizado sob a responsabilidade do Cabido acompanhado pelo IPPAR.

O IPPAR entregou ao gabinete dos arquitectos Humberto Vieira e Abílio Mourão, técnicos de reconhecida competência, o estudo e projecto das obras indispensáveis na Sé: drenagem interior da Catedral, capelas e sacristias e coberturas de todas as áreas; reboco do tecto e paredes do claustro; nova instalação eléctrica na basílica e outras dependências; substituição de todo o cimento por granito nos terraços; nova tijoleira no piso dos terraços; impermeabilização da varanda da galilé, etc. Tudo isto está a ser metodicamente concretizado após diálogo e aprovação do Cabido e com a permanente assistência da Direcção Regional do Norte do IPPAR: arquitectos Margarida Coelho e João Carlos, além dos autores do projecto.

Estes trabalhos motivaram a intervenção da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, UAUM, que sob a orientação dos Drs. Luís Fontes e Sande Lemos tem feito um trabalho eficiente e rápido; de assinalar também, o apoio dos serviços de arqueologia da Câmara Municipal e do seu responsável Dr. Armandino Cunha. O espólio encontrado resume-se a algumas moedas, cerâmica, pequenos objectos e, fundamentalmente, túmulos. As ossadas que têm sido retiradas serão colocadas em pequenas urnas, após estudo conveniente.

De notar, o aparecimento, ao fundo da nave esquerda, de uma fossa para fundição de sinos da Catedral... espera-se que fique visitável... e também a existência de um fresco românico na varanda da galilé. Este será defendido e ficará em exposição.

Foi feito o guarda-vento na porta principal, sob projecto do arquitecto Fernando Távora e que veio criar um ambiente mais ameno para toda a Catedral.

Além do estudo feito para recuperar os painéis de azulejo da capela de S. Geraldo, das pinturas mudejar da capela de Nossa Senhora da Glória e de vários altares, aproveitando a passagem dos 600 anos da morte de D. Lourenço Vicente, será recuperado o túmulo do arcebispo-combatente de Aljubarrota e após libertação do interior da torre sineira, em cuja base está a pia baptismal, algo será pensado para este espaço. Julgamos que após a conclusão de todos os trabalhos em curso e a recuperação de todo o espaço inferior da capela-mor — já todo aberto — muito se poderá concluir quanto aos antecedentes da Catedral de Santa Maria de Braga no que seremos ajudados pelos muros encontrados, uns primitivos e outros de sucessivas alterações.

Também a torre da capela de Nossa Senhora da Glória será recuperada, já que nos seus fundamentos está a muralha romana cujos limites norte parecem finalmente determinados.

Igualmente a Câmara Municipal de Braga, no seguimento da cooperação que vem prestando, tratará da drenagem exterior da Catedral, do arranjo dos espaços envolventes e do monumento aos Arcebispos. Entretanto já fez doação dos prédios para ampliar o Museu. Este, nas salas do r/c, receberá o museu do sino, único em Portugal.

Temos a certeza de um trabalho consciente e sério realizado em sintonia com todos os responsáveis. E, no tempo oportuno, um trabalho de fundo será apresentado.

Con. Eduardo de Melo Peixoto

Deão do Cabido e Vigário Geral da Arquidiocese de Braga



1997 - ANO DE VIEIRA

Foram inúmeras as actividades que assinalaram, ao longo de 1997, a celebração do Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira (1608-1697): iniciativas promovidas pelas mais diferentes entidades e que incluíram um vasto conjunto de realizações, desde as de carácter mais institucional até a oportunas acções de di-